Fernando Molica

Estado do Rio: a Bolívia é aqui

A condenação de Cláudio Castro pelo Tribunal Superior Eleitoral ressalta uma espécie de padrão boliviano na chefia do Poder Executivo fluminense: dos noves governadores eleitos depois da redemocratização, cinco foram presos, um sofreu impeachment e um sétimo (Castro) só não foi defenestrado porque renunciou na véspera de seu julgamento. O país vizinho teve, entre julho de 1978 e agosto de 1985, nove presidentes e duas juntas militares.

Dos ocupantes do Palácio Guanabara eleitos a partir de 1982, apenas dois — Leonel Brizola (que ocupou o cargo duas vezes) e Marcello Alencar — ficaram incólumes. Como não se pode atribuir o problema à água fornecida pela Cedae, vale tentar entender o que se passa.

A questão da violência é importante, até pela predominância da lógica do domínio territorial — modelo talvez herdado dos bicheiros, adotado por traficantes e milicianos e por estes negociado com políticos. A tolerância com o ilegal — de novo vale citar o jogo do bicho — minou relações institucionais.

Cientista político, professor da UERJ, Christian Lynch atribui boa parte dos problemas à fusão, implantada pela ditadura em 1975, dos antigos estados do Rio e da Guanabara (que ocupava o mesmo território da cidade do Rio de Janeiro).

Em texto no X, ele ressalta que outros estados surgiram por desmembramento; apenas o novo Rio de Janeiro "nasceu da sobreposição forçada de estruturas preexistentes". Ele frisa que a cidade do Rio jamais deixou de exercer funções federais, administrativas e simbólicas, que a distinguem de outras capitais. Formou-se então o que chama de "ente híbrido".

A fusão ocorreu em boa parte pelo desejo da ditadura de esvaziar o MDB: a Guanabara era o único estado governado pelo partido de oposição; a união forçada diminuiu o poder de GB e RJ no Congresso, gerou a perda de deputados federais e de três senadores.

As realidades econômicas eram bem diversas. Estudo de André Villela e resumido por João Gabriel Garcez e Marcel Balassiano revela que, com a fusão, a renda per capita dos cariocas caiu 78,8% de 1973 para 1975. E olha que a cidade já perdera muitas verbas com a transferência da capital para Brasília

As diferenças entre os antigos estados provocaram uma sensação de terra de ninguém: para Lynch, governadores vindos do interior não gostam da capital e prefeitos cariocas não conseguem chegar ao governo estadual. Conclui que "onde a autoridade é ambígua e as competências se sobrepõem, a responsabilização se enfraquece e as redes predatórias prosperam". Dos nove governadores, apenas Sérgio Cabral (também eleito duas vezes) e Alencar nasceram na capital fluminense; quatro (Brizola, Moreira Franco, Wilson Witzel e Castro) vieram de outros estados.

Defendida pelo Império Serrano em seu desfile de 1988, uma desfusão parece inviável. Mas é preciso superar o impasse que vitima o Rio de Janeiro, algo que passa por uma discussão política séria que supere interesses menores e bravatas policialescas: temas com frequência escusos, volta e meia encobertos por discursos mais ligados à fé do que à administração pública.

Tales Faria

Eduardo Leite encosta o PSD de Kassab contra a parede

O governador do Rio Grande do Sul, Eduardo Leite, declarou, durante encontro ontem com Gilberto Kassab, presidente nacional de seu partido, o PSD, que não aceita ser vice de Ronaldo Caiado e ameaçou até não concorrer a cargo nenhum nem mesmo em seu estado.

"Se não houver a possibilidade de concorrer à Presidência da República, eu permaneço como governador até o final do meu mandato", declarou.

Ao explicar o motivo da decisão, Eduardo Leite acabou colocando o presidente de seu partido em xeque. Disse que deseja ser candidato à Presidência da República porque discorda "frontalmente" tanto do PT como dos bolsonaristas.

A desistência do governador do Paraná, Ratinho Junior, de disputar o Palácio do Planalto deixou Kassab com uma batata quente na mão: dos dois outros pré-candidatos ao Palácio do Planalto que o PSD vinha apresentando, um deles, o governador de Goias, Ronaldo Caiado, é marcadamente ultradireitista e ultraconservador. Muito semelhante aos bolsonaristas. O outro, o governador do Rio Grande do Sul, Eduardo Leite, tem um perfil centrista distanciado do bolsonarismo.

Leite afirmou após o encontro com Kassab: "O PSD tem que decidir se vai defender indulto, anistia, ou se vai ser o partido que falará de um Brasil diferente, sem adesão a um polo ou outro."

Indulto e anistia são benefícios prometidos por Ronaldo Caiado ao ex-presidente Jair Bolsonaro, condenado a 27 anos de prisão por tentativa de golpe de Estado. Identificam a proximidade do governador com o eleitorado bolsonarista.

Ao optar pela candidatura de Caiado, o PSD, segundo Eduardo Leite, estará deixando claro que na polarização entre bolsonaristas e petistas, está do lado do ex-presidente Jair Bolsonaro.

Kassab vinha afirmando que seu partido não participaria da polarização entre o PT, do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, e o PL, do ex-presidente Jair Bolsonaro.

Mas, na verdade, o que Kassab sempre quis foi fazer parte dessa polarização, sendo chamado a aderir a um lado ou a outro.

Quando resolveu filiar ao partido três pré-candidatos a presidente da República – Ratinho Junior, Ronaldo Caiado e Eduardo Leite – ele colocou seu partido na vitrine para alianças tanto à esquerda como à direita.

Houve quem especulou até sobre a hipótese de o próprio Kassab ou Eduardo Leite serem o vice da aliança com Lula, assim como Ratinho Junior ou Caiado se tornarem a opção para vice na chapa bolsonarista. O PSD estava pronto para seguir em qualquer direção.

Mas eis que Ratinho Junior implodiu essa estratégia, e Caiado assumiu a ponta das pesquisas sobre as opções que restam ao partido. E Eduardo Leite colocou o dedo na ferida: "O PSD vai dar indulto a Bolsonaro? É bolsonarista?"

Ao escolher por Caiado, o partido se apresentará como uma segunda opção bolsonarista.

É tudo o que deseja o candidato do PL à Presidência da República, senador Flávio Bolsonaro: se é para votar no ultraconservadorismo de direita, por que optar pela cópia em vez de escolher um Bolsonaro autêntico?

EDITORIAL

Criatividade que une diferentes gerações e comunidades

São Paulo não é apenas o motor econômico do Brasil; é também um dos estados mais ricos em diversidade cultural e histórica. De suas metrópoles vibrantes às cidades do interior, passando por centros históricos e comunidades tradicionais, o estado demonstra que cultura não é apenas entretenimento, mas uma ferramenta essencial de educação, integração social e valorização da identidade. Investir em cultura é investir em um futuro mais inclusivo, em cidadãos mais conscientes e em cidades mais vivas.

Nos últimos anos, a preservação do patrimônio histórico tem recebido atenção especial. Museus, centros culturais e espaços públicos passaram por revitalizações que os transformaram em locais de convivência, aprendizado e interação. Projetos de restauração em prédios históricos e praças públicas resgatam memórias e tradições, permitindo que moradores e visitantes conheçam melhor a história do estado. Em paralelo, festivais de música, teatro, dança e literatura têm se multiplicado, oferecendo oportunidades para que jovens talentos sejam reconhecidos e incentivando a participação comunitária. Cada evento cultural é, também, uma celebração da diversidade paulista, aproximando diferentes gerações e comunidades.

O incentivo a artistas locais é outro aspecto fundamental. Por meio de editais, prêmios, programas de formação e parcerias com instituições privadas, São Paulo garante que escritores, músicos, pintores, escultores, artesãos e outros criadores tenham espaço para desenvolver e apresentar suas obras. Esse suporte fortalece um ecossistema cultural democrático, no qual diferentes estilos e expressões coexistem, inspirando orgulho e estimulando o engajamento da população com a arte e a cultura. O resultado é um estado que valoriza talentos, reconhece esforços e promove o aprendizado de forma acessível.

Além da dimensão social, a cultura exerce papel econômico significativo. Eventos, exposições e apresentações atraem turistas, movimentam setores como gastronomia, hospedagem e comércio local, e geram empregos diretos e indiretos. A cultura, portanto, é também uma ferramenta de desenvolvimento sustentável, capaz de integrar diferentes áreas da sociedade e fortalecer a economia de forma criativa. Programas que incentivam a leitura, a música, o teatro e o cinema contribuem para o desenvolvimento cognitivo, social e emocional, ampliando horizontes e promovendo senso de pertencimento. Em tempos de desafios urbanos e sociais, celebrar e fortalecer a cultura é um ato estratégico e humano.

Opinião do leitor

Viva a ciência!

Os avanços da medicina, graças às novas tecnologias, têm permitido salvar pacientes e até mesmo aumentar expectativa de vida. Por isso, deve-se investir nos cientistas.

José Ribamar Pinheiro Filho
Brasília - Distrito Federal

Correio da Manhã
Fundado em 15 de junho de 1901
Edmundo Bittencourt (1901-1929) • Paulo Bittencourt (1929-1963) • Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Cláudio Magnavita (Publisher)
claudio.magnavita@gmail.com

Redação: Gabriela Gallo, Ive Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor), William França e Rafael Lima (Coordenador editorial)
Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil
Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação), Anderson Sá e Thiago Ladeira

Telefones: (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872
Whatsapp: (21) 97948-0452
Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Mello Neto 850 Bloco 2 Conj. 520 Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057
Brasília: ST SIBSQuadra 2 conjunto B Lt 10 - Nucleo Bandeirantes Brasília - DF CEP 71736-20
São Paulo: Av. Francisco Matarazzo, 1752, sala 2317, Água Branca - São Paulo-SP, - CEP 05001-200
Campinas: Avenida Aquidabã, 766, Sala 51, Centro - Campinas-SP, CEP 13010-132
www.correiodamanha.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.